

"IN MEMORIAM"

## Dr. Sérgio Mário Couto Alexandrino

No fim de Fevereiro passado fui abordado pelos Colegas Henrique Queiroga e João Moura e Sá, que vinham convidar-me para escrever algumas palavras "in memoriam" do meu querido Amigo Sérgio Alexandrino, ou mais abreviadamente ainda, Sérgio. Aceitei e agradei. Na verdade, havia um gosto amargo no convite e na aceitação.

Cumpre-me começar por redigir, como alguém que estivesse a fazer História, aquilo que todos os que conheciam o Sérgio já sabiam de sobejo do ponto de vista profissional. Acrescentarei porventura um ou outro pormenor que fui buscar a um "curriculum" dactilografado por ele próprio.

Nasceu em Chibia, Huila, Angola em 1 de Julho de 1925. Fez o curso liceal no Colégio Militar, em Lisboa (seu pai era Médico Militar).

Completo o curso de Medicina na Faculdade de Medicina do Porto em Julho de 1951, com a média final de 15 valores.

Ingressou, como Médico Voluntário, no então Sanatório D. Manuel II.

Concorreu em concurso de provas públicas para Médico dos Dispensários do I A N T, tendo sido classificado em 3.º lugar. Tomou posse em 1953 e passou a trabalhar no Dispensário Dr. Arantes Pereira. Algum tempo depois, novamente concorreu em concurso de provas públicas para Médico Assistente do Sanatório D. Manuel II, tendo sido classificado em 2.º lugar. Trabalhou então como responsável do Pavilhão Feminino e do Pavilhão Infantil. Entretanto frequentou com assidu-

idade o Serviço de Broncologia bem como o de Exploração Funcional Respiratória.

Durante cerca de 1 ano foi o Broncologista responsável no Sanatório de Montalto.

Em 1963 começou a trabalhar voluntariamente no Centro de Reanimação Respiratória do Hospital de Santo António, que iniciara a sua actividade em Outubro de 1962, sob a direcção do Prof. Corino de Andrade.

Entretanto, no Sanatório D. Manuel II, por concurso documental, foi reclassificado como 1.º Assistente, tendo neste concurso ficado em 1.º lugar e sendo nomeado Chefe de Serviço quando da reestruturação dos quadros dos Hospitais Centrais.

Em 1 de Outubro de 1970 foi transferido, por despacho ministerial, para o Serviço de Cuidados Intensivos com a categoria de Chefe de Serviço.

Em Dezembro de 1984, quando o Director do mesmo Serviço se aposentou, foi nomeado para esse cargo.

Publicou numerosos trabalhos médicos, realizou numerosas conferências, participou em numerosas mesas redondas, foi membro de várias Sociedades Médicas, fez vários estágios em serviços médicos estrangeiros.

Exerceu, com muito brilhantismo, clínica privada no Porto, ocupando sempre um lugar de relevo na pneumotisiologia, na broncologia, na alergologia e no intensivismo.

Sempre mereceu o maior respeito e consideração dos seus Colegas de Especialidade e de outras Especialidades, não só do Porto como de outros centros e Hospitais do País.

Até agora penso que a amizade que nos ligava não perturbou a objectividade exigível ao Historiador.

Recebido para publicação em 95.4.6

Escreto isto, vou procurar transmitir o que realmente dele — Sérgio Alexandrino — mais irreprimivelmente me apetece dizer: da pessoa humana que ele era. Não vou apontar um ou outro defeito, que certamente possuía como qualquer de nós, mortais que somos. O que vou procurar é exprimir o que se poderá talvez chamar o "balanço" da sua alma, um balanço extraordinariamente positivo, maravilhosamente positivo.

Sob o aspecto do seu rosto essencialmente sério, sob o significado sóbrio das suas palavras estava latente uma alma, que, se eu tivesse a pretensão de substancializar, teria de escolher uma porcelana finíssima da China ou um cristal o mais diáfano que houvesse. Quem estivesse num momento de aflição ou angústia junto do Sérgio (não estou a pôr meras hipóteses mas a recordar episódios reais) imediatamente via fixar-se sobre si um olhar infinitamente generoso e tranquilizante, ouvia da sua boca as palavras mais pacificantes e brandas e sentia pousar na sua testa ou na sua face o terno calor das suas mãos amigas. Nessas ocasiões o Sérgio entregava-se inteiro, como um Santo a sarar as feridas dos desesperados aparecidos no caminho. Por outro lado, era capaz de enxotar com uma palavra áspera como um chicote uma atitude menos correcta ou sincera.

Quando se sentia ofendido nos seus princípios pontualmente rígidos, traçava então um esquema de resposta rígido também. Mas se alguém, que ele considerasse um amigo franco, abertamente lhe apontasse o rigor excessivo da decisão que ele se propunha, não demorava muito a reconhecer onde estava a razão e a tonar-se tolerante, como de facto, correntemente, o era.

Quem mantivesse com o Sérgio um longo convívio não tinha dificuldade em adivinhá-lo um homem inteligente, culto, dotado duma lealdade a mais franca, duma solidariedade a mais desinteressada, duma ternura a mais nobre. Um homem, que junto das crianças suas doentes se esquecia em carícias e brincadeiras, sabendo sorrir com elas e como elas, e se sofriam, igualmente as acompanhava no sofrimento, sem perder a lucidez necessária para as tratar.

Numa conversa íntima, abria-se e desnudava totalmente a sua alma, surpreendendo, com simplicidade, o interlocutor, que via de repente rasgarem-se as névoas

e as sombras e surgir de dentro delas uma luminosa claridade como a dum Sol do meio-dia que ascendeu glorioso para o céu.

O Sérgio não escrevia versos, mas lia-os com uma sensibilidade delicadíssima, lia-os até ao fundo, convivendo facilmente com a secreta inspiração do autor.

Lembro-me, e outros Colegas e Amigos se lembrarão (recordo neste momento, precisamente, o Prof. Bugalho de Almeida em minha casa até às 4 da manhã, com outros) de ouvir o Sérgio a ler versos de Fernando Pessoa, que o fascinava, acabando invariavelmente por ler o poema TABACARIA, que ele considerava como um repositório — uma bíblia — de toda a sabedoria humana.

"Não sou nada. Nunca serei nada. Não posso ser nada. Aparte isto tenho em mim todos os sonhos do mundo."

A voz do Sérgio não era, penso eu, a mais adequada para dizer poesia, mas ele impregnava as palavras duma tal força, duma tal vibração e, simultaneamente, duma tal sobriedade, totalmente desteatralizada, que todo aquele que verdadeiramente gostasse de poesia e tivesse sensibilidade gostava de a ouvir, vinda da boca e do coração do Sérgio.

A doença atacou-o, aparentemente, quase de súbito, e todos os familiares, colegas e amigos repararam na sua amarga conformação perante o sofrimento, no seu amor pela vida e por quantos o amaram, na teimosia da sua esperança.

Na minha óptica, foi um caso em que se concentraram o desespero de quem lutou por ele e o desespero com que ele lutou pela vida.

O Sérgio, tanto quanto muitas vezes disse, era um descrente. Quando partiu, no mesmo dia ou no dia seguinte, pus-me a pensar, a questionar-se a mim próprio: e se realmente Deus existe? e, se após a morte, há um encontro de quem parte com Deus?

E meditei em que, se assim fosse, o Sérgio que era um Homem, com letra maiúscula, essencialmente Bom, transbordante de amor, não podia ser "mal recebido"

pela infinita bondade de Deus. Então, com a autoridade anárquica que a Poesia outorga, personalizei a alma do AMIGO, tive a ousadia de personalizar o transcendente

espírito de Deus, e, imbuído de respeito, procurei comodamente a expressão do maravilhoso Encontro que o meu pensamento imaginaria.

**Ao Sérgio Alexandrino**

*Você, que tanto descreu,  
Amigo,  
quando subitamente se viu Lá,  
perante Deus, que tudo preparara  
para bem recebê-lo – cama fofa,  
o jornal e um livro, o pormenor até  
dum café e dum maço de cigarros –  
como há-de ter arregalado os olhos  
de espanto, e certamente  
balbuciado: "mea culpa!"*

*Deus sorrindo, entretanto, docemente...*

*Palavra! que eu gostava  
de ver a sua cara  
assim como quem diz: "Meu Deus,  
chegaste para mim!"  
E Deus: "Tu merecias..."  
Acredite, gostava, e havia de me rir  
ao vê-lo totalmente embatocado,  
a pensar: "Esta agora! Não contava!"*

*Deus sorrindo, entretanto, docemente...*

*Amândeo Lisboa*